

SEIS GRANDES ESCRITORES RUSSOS

MARIANO
FAZIO

SEIS
GRANDES
ESCRITORES
RUSSOS

PÚCHKIN | GÓGOL | TURGUÊNIEV
DOSTOIÉVSKI | TOLSTÓI | TCHEKHOV

TRADUÇÃO
JULIANA MOTA



QUADRANTE

Título original
Seis grandes escritores rusos

Copyright © Ediciones Rialp, S.A. Madrid, 2022

Capa
Karine Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Fazio, Mariano
Seis grandes escritores russos / Mariano Fazio – 2ª ed. – São Paulo: Quadrante Editora, 2026.

ISBN: 978-85-7465-619-9

1. Arte 2. Contemplação 3. Estética 4. Filosofia 5. Literatura russa I. Título

CDD–100

Índices para catálogo sistemático:
1. Filosofia 100

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 11 3873-2270
CEP 01252-020 - São Paulo - SP
www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1. EM BUSCA DA ALMA RUSSA	13
2. ALEKSANDR PÚCHKIN: A LITERATURA COMEÇA A FALAR RUSSO (1799-1837)	29
3. NIKOLAI GÓGOL: UM PREGADOR INCOMPREENDIDO (1809-1852)	39
4. IVAN TURGUÊNIEV: UM RUSSO PARA O OCIDENTE (1818-1883)	53
5. FIÓDOR DOSTOIÉVSKI: A CONSCIÊNCIA ATORMENTADA (1821-1881)	73
6. LEV TOLSTÓI: A VIDA INFINITA (1828-1910)	115
7. ANTON TCHEKHOV: O SORRISO TRISTE (1860-1904)	163
EPÍLOGO	181
BIBLIOGRAFIA CITADA	185

INTRODUÇÃO

O frio é a ausência de calor. A escuridão é a ausência de luz, o mal é a ausência do bem. Por que as pessoas amam o calor, a luz e o bem? Porque são naturais. A origem do calor, da luz e do bem é o sol, Deus. Não há um sol que vem do frio e da escuridão, assim como não há um Deus mau.

L. Tolstói, História da jornada de ontem

Rússia antes da revolução. Ao som dessas palavras, nossa imaginação voa até Moscou: a Praça Vermelha, o Kremlin, a Catedral de São Basílio, as cúpulas em forma de cebola. Também podemos sonhar com São Petersburgo: as margens geladas do Báltico, a Avenida Nevsky, o Hermitage. Entre as duas cidades, a estepe interminável, coberta de neve no inverno, marcada pelos sulcos das troikas¹ ou dos trenós puxados a cavalo, que transportam viajantes abrigados com peles. Não faltam imagens dos servos da gleba, que trabalham arduamente na terra e gastam seus poucos rendimentos em vodca e mulheres resignadas, cobertas com um lenço na

1 Tradicional carruagem russa puxada por três cavalos com diferentes andaduras.
[N. T.]

cabeça. Também surgem em nossa memória os tsares da família Romanov e os sacerdotes de longas barbas com incensários e vestes litúrgicas douradas. Há lugar para os cossacos e os tártaros. Em meio a esses edifícios, paisagens e personagens, provavelmente veremos Gógol, Dostoiévski ou Tolstói passeando. Como música de fundo, ouviremos as melodias de Tchaikovski, Rimsky-Korsakov ou Mussorgsky.

Embora a Rússia tenha sido, durante muito tempo, uma terra periférica do Ocidente, ela nos é familiar, dentre outros motivos — e esse não é o menos importante —, graças à literatura do século XIX. É admirável o acúmulo de grandes nomes em um período relativamente curto. Toda seleção de representantes de uma corrente cultural sempre apresenta um certo grau de subjetividade. Neste livro de introdução aos clássicos russos, consideramos imprescindíveis seis nomes: Aleksandr Púchkin (1799-1837), Nikolai Gógol (1809-1852), Ivan Turguêniev (1818-1883), Fiódor Dostoiévski (1821-1881), Lev Tolstói (1828-1910) e Anton Tchekhov (1860-1904). A crítica literária tem oscilado entre Dostoiévski e Tolstói para estabelecer a primazia das letras russas. Em meados do século passado, Tchekhov foi muito aclamado, a ponto de ser considerado, ao lado de Jorge Luis Borges, um dos melhores narradores de contos da literatura ocidental.² Já os próprios russos consideram Púchkin o precursor, pai e figura inspiradora do século de ouro de sua literatura. Nas décadas centrais do século XIX, Turguêniev foi o escritor com mais fama.

A literatura russa tem características próprias: suas histórias normalmente se passam no vasto império do tsar; predomina

2 Cf. Harold Bloom, *Como e por que ler*, Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

uma análise crítica da situação social, política e econômica; os autores costumam ser muito descritivos tanto em relação às paisagens quanto aos costumes da cidade e do campo; sobressaem os minuciosos detalhes psicológicos dos personagens.

Todos esses elementos fazem parte, com maior ou menor ênfase, das grandes obras de sua literatura, mas o que nos encanta é a busca pelo eu nacional: “O tema comum de todas essas histórias é a Rússia: sua personalidade, sua história, seus costumes, suas tradições, sua essência espiritual e seu destino. De um modo extraordinário, talvez único, a energia artística do país voltou-se quase por inteiro à tentativa de captar o conceito de sua nacionalidade. Em nenhum outro lugar do mundo o artista sofreu tanto o peso da liderança moral e da profecia nacional, nem foi tão temido e perseguido pelo Estado. Isolados da Rússia oficial pelos políticos e da Rússia camponesa pela educação, os artistas russos dedicaram-se a criar uma comunidade nacional de valores e ideias por meio da literatura e da arte. O que significava ser russo? Qual era o lugar e a missão da Rússia no mundo? E onde estava a verdadeira Rússia? Na Europa ou na Ásia? Em São Petersburgo ou em Moscou? [...]. Essas eram as perguntas insistentes que ocuparam a mente de todos os escritores, críticos literários, historiadores, pintores, compositores, teólogos e filósofos da era de ouro da cultura russa, desde Púchkin até Pasternak”.³

As respostas dadas por nossos autores não coincidem: durante o século XIX, é evidente a existência de uma pluralidade de visões sobre a Rússia e o seu destino. Aqui, no entanto, o que nos interessa é destacar que esses escritores, totalmente

3 Orlando Figes, *El baile de Natasha*, Barcelona, Edhasa, 2010, pp. 27-28.

imbuídos de suas circunstâncias, e muito diferentes em termos de características e posições políticas, culturais e religiosas, escreveram páginas que transcendem o espaço e o tempo para falar da humanidade. Por isso são clássicos: profundamente russos, abrem-se para o universal. Nesse ponto, é interessante recordar o que escreveu Chesterton em um ensaio sobre Dickens: “Tal como eu concebo, o escritor imortal é aquele que realiza algo universal de uma forma particular. Quero dizer que ele apresenta o que possa interessar a todas as pessoas a partir da característica de uma só ou de um só país”.⁴

Este livro é o resultado de muitos anos de paciente leitura dos clássicos russos. Convivemos com dezenas de personagens: “Jovens atormentados por uma ideia, modestos funcionários públicos humilhados pela vida, nobres macerados na consciência de sua própria superficialidade, proprietários patriarcais apaixonados por suas terras, niilistas vítimas de paixões avassaladoras, mulheres decadentes, porém nobres, amantes apaixonados, mães zelosas, querubins que descem do céu [...]”.⁵ Como bem disse Ghini — e essa também foi minha experiência —, “cada um desses personagens nos arrasta para sua história, sequestrando-nos por centenas de páginas, libertando-nos somente nas últimas linhas de um romance que gostaríamos que nunca terminasse, enquanto o devorávamos para saber, o quanto antes, como termina. Com esses personagens amamos, odiamos, refletimos, nos juntamos ao seu bando e brigamos.”⁶

4 G. K. Chesterton, *Dickens*. Buenos Aires, Ediciones Argentinas Córdor, 1930, p. 366.

5 Giuseppe Ghini, *Anime russe. Turgenev, Tolstoj, Dostoevskj. Uomo nell'uomo*, Milão, Ares, 2015, p. 7.

6 *Ibidem*.

Nas próximas páginas, depois de um panorama da história e da cultura russas, que servirá de contexto, vamos apresentar cada um desses autores. Em primeiro lugar, faremos um breve apanhado pela vida e obra do escritor, depois, selecionaremos alguns textos que nos parecem significativos para o leitor do século XXI.

O século XIX russo — assim como o século XVII espanhol ou o XIX inglês — faz parte desses períodos da história da cultura que, mais do que *chronos*, são *kairós*, ou seja, mais do que tempo meramente cronológico são uma condensação do tempo espiritual.⁷ Aproveitemos essa riqueza que não tem uma pátria nem uma época exclusiva: pertence a todos e é para todos os tempos. Seus valores são eternos, porque, como diria Tolstói, são naturais.

Buenos Aires, Roma, 2016

7 Cf. Ettore Lo Gatto, *La letteratura rusa moderna*, Buenos Aires, Losada, 1972; Dmitrij P. Mirskij, D. S., *Storia della letteratura russa*, Milão, Garzanti, 1965.

1.

EM BUSCA DA ALMA RUSSA

O imenso território russo, com grandes proporções no século XVIII e nas primeiras décadas do século seguinte pela política expansionista dos tsares, estendia-se, no fim do século XIX, do Báltico ao Pacífico, e do Mar Negro até o Ártico. Dividida pelos Montes Urais, a Rússia se apresentava como europeia e asiática ao mesmo tempo. Vista com olhos ocidentais, era uma nação exótica e, para muitos, incompreensível.

Estabelecer a identidade nacional russa sempre foi um desafio. O império do tsar começa a exercer um papel importante na Europa com o triunfo do exército russo sobre os suecos no início do século XVIII. Reina Pedro I, da família Romanov, ao qual depois se acrescentará o adjetivo Grande.¹ Será ele que, em 1703, dará início à construção de São Petersburgo, nas margens do Báltico, onde desembocam as águas do Neva. A nova cidade era um projeto grandioso e pessoal, com o qual Pedro pretendia romper com uma tradição

1 Para entender a personalidade do tsar e a sua política de reforma, é útil a leitura de Robert K. Massie, *Pedro I el Grande*, Madri, Alianza, 1987.

cultural considerada atávica e retrógrada: a nova capital se abria para o mundo ocidental como demonstração de que também os russos eram europeus, estavam abertos ao progresso e apreciavam as belas artes. São Petersburgo se erige com moldes urbanísticos e estilísticos italianos, franceses e alemães. Assim como a nova cidade, a literatura, a música e a pintura russas do século XVIII careciam de originalidade e buscavam modelos de inspiração no exterior.

O contraste entre essa cidade e Moscou é enorme. São Petersburgo, edificada sobre um terreno pantanoso, é construída em uma velocidade impressionante. Cinquenta anos depois de sua fundação, exibe uma imagem de grandiosidade e luxo que impressiona os viajantes ocidentais, mas também mostra algo de artificial em seu desenho e concepção. Centenas de milhares de servos construíram palácios, abriram avenidas, desmataram florestas e prepararam parques e jardins. Nesse ambiente de esplendor, o tsar vive rodeado de nobres, que graças à disposição de Pedro, o Grande, e de seus sucessores, foram ocidentalizando os costumes. O francês substituíra muitas vezes o russo na fala cotidiana da elite, e as famílias mais endinheiradas superavam em luxo e comodidades suas congêneres de Alemanha, França ou Inglaterra.

Moscou, ao contrário, conservava traços medievais. As construções eram, em grande parte, de madeira. A Igreja ortodoxa estava onipresente, com suas várias catedrais, mosteiros e igrejas. Pouco a pouco, foi se modernizando, principalmente depois do incêndio de 1812: aproveitou-se a destruição de grande parte da cidade para a abertura de amplas avenidas e a construção de palácios no estilo europeu. Apesar disso, a cidade nunca perdeu o “ar” russo. A situação de São Petersburgo era bem diferente, “a cidade mais abstrata

e meditativa de todo o globo terrestre”², como definiu Dostoiévski em suas *Memórias do subsolo*. Em Moscou, a vida social era intensa. Os restaurantes estavam repletos, nos mercados pululavam todo tipo de personagens que aspiravam à vida em suas mais diferentes formas. Não era assim na nova capital, que seguia o ritmo da corte, onde tudo estava planejado e organizado: um ambiente frio que tão bem transmite Gógol em seus *Contos de São Petersburgo*.

Quem encarna a identidade russa, Moscou ou São Petersburgo? A Rússia deve olhar para o Ocidente ou deve afirmar as tradições próprias de suas origens humildes em torno do Ducado de Moscou, um mundo majoritariamente rural, austero, permeado de uma religiosidade mística? Durante o século XIX, buscou-se uma resposta para essas perguntas. As duas principais posições, não definidas em definitivo, foram a dos ocidentalistas e a dos eslavófilos.

Os ocidentalistas sustentavam que a Rússia deveria caminhar em direção ao progresso, incorporando formas de vida e de pensamentos ocidentais, e entre a nova e a antiga capital, optavam pela primeira, por tudo o que ela representava de abertura, cosmopolitismo e visão de futuro. Entre os ocidentalistas, destacavam-se as ideias filo-romanas de Pêtr Caadaev,³ as posições estéticas do crítico Vissariôn Bielínski e toda a teoria

2 Fiódor Dostoiévski, *Memórias do subsolo*, São Paulo, Editora 34, 2000, p. 18. [N. T.]

3 Caadaev faz uma crítica ao passado russo: a razão de seu atraso está no secular isolamento. O futuro russo passa pela união com o Ocidente e com o cristianismo romano, que soube extrair consequências sociais do Evangelho. A Igreja Ortodoxa Russa tem uma grande espiritualidade, mas não liberou os servos da gleba. Segundo Caadaev, a história se move por ideias morais e religiosas. A Rússia tem uma vasta tradição religiosa, que deve se transformar em uma força social de mudança e renovação. Cf. Gino Piovesana, *Storia del pensiero filosofico ruso*. Cinisello Balsamo: Paoline, 1992, pp. 96-105.

política, social e econômica de Alexandr Herzen, que vivia em Londres, onde dirigia o jornal *Kolokól* [O Sino], instrumento de propagação de suas ideias renovadoras e socialistas.

Os eslavófilos, por sua vez, tendiam a destacar a especificidade da cultura russa tradicional e, às vezes, sua superioridade em relação à ocidental. Segundo o principal representante desse movimento, Aleksei Khomiakov, o espírito eslavo era essencialmente religioso. Liberdade e amor se identificam com a alma de Cristo, e os cristãos ortodoxos deveriam fazer prevalecer esse sentimento na vida social. Esse intelectual desenvolveu o conceito de *sobornost* (conciliarismo) como a característica mais específica da alma russa: contra o individualismo ocidental, a ortodoxia apresenta uma visão comunitária, em que o tsar, guardião da fé ortodoxa, cumpre sua função de ser a unidade na multiplicidade.

Com Khomiakov, contra o qual teve polêmicas inflamadas, o outro pai da corrente eslavófila é Ivan Kireesvsky, que considerava a Rússia a única nação que preservou o verdadeiro cristianismo, ou seja, a ortodoxia. O Ocidente desenvolveu um racionalismo formal, enquanto a fé ortodoxa abriu caminho para um conhecimento integral, que encontra na verdade religiosa o seu centro especulativo.

Nos anos 1960 e 1970 do século XIX, dá-se a passagem do movimento eslavófilo para o pan-eslavismo. A diferença está em que o primeiro não tinha um caráter expansionista, enquanto o segundo, que teve origem na Europa Central, só ganhou força na Rússia depois da Guerra da Crimeia (1853-1856). Em alguns círculos nacionalistas, a derrota bélica despertou a consciência do destino russo de proteger os seus irmãos eslavos que se encontravam sob o jugo do Império Otomano. O grande profeta do pan-eslavismo russo

foi, principalmente, Nikolai Danilevsky. Segundo o autor de *Rússia e Europa*, havia uma incompatibilidade entre a civilização eslava e a germânico-latina. A superioridade intelectual e religiosa dos eslavos impunha uma luta contra o Ocidente conduzida pelo povo eslavo, sobretudo os russos. Danilevsky considera que o cristianismo ocidental — principalmente a Igreja Católica — distorceu a verdade cristã devido à sua aliança com o poder político. Isso provocou uma luta contra a Igreja, defensora da escolástica obscurantista, que teve como consequência três anarquias: a anarquia religiosa, ou seja, o protestantismo; a anarquia filosófica, que conduziu ao materialismo cético; e a anarquia sociopolítica, que se manifestava no crescente democratismo político e no feudalismo econômico. A Rússia deveria libertar os seus irmãos eslavos dessas anarquias e impor a ortodoxia, que traz consigo as instituições e as tradições russas⁴.

Depois dessa breve apresentação das duas correntes clássicas, é preciso advertir que a maioria dos intelectuais colocava-se no meio do caminho entre os ocidentalistas e os eslavófilos. Admitindo a necessidade de reformas, eles apreciavam as tradições e os costumes russos. Um ponto crucial contribuiu para essa posição moderada: em 1812, Napoleão é derrotado pelo exército do tsar, e o imperador precisa deixar Moscou com o rabo entre as pernas. É a epopeia descrita em *Guerra e paz* de Tolstói. A autoestima nacional recobra vigor, e, embora jamais se deixe de pensar na Rússia como parte da Europa, dirige o olhar para as tradições e as peculiaridades do povo.

4 Cf. Bohdan Chudoba, *Rússia y el Oriente de Europa*, Madri, Rialp, 1980, pp. 159-205. Para as teorias políticas de eslavófilos e pan-eslavistas cf. Piovesana, *op. cit.*, p. 106-34 e 213-40. Cf. também Laura Satta Boschian, *Ottocento russo: geni, diavoli e profeti*, Roma, Studium, 1996.

Os servos demonstram um profundo patriotismo, e muitos nobres revalorizam o papel do povo na construção de uma comunidade nacional que começava uma nova etapa depois da vitória de 1812. A partir desse ano, o idioma russo se reafirma entre a aristocracia — em uma paulatina substituição do francês —, as vestimentas tradicionais se popularizam, e a *haute cuisine* francesa é substituída pelos substanciosos pratos locais: sopa de couve ou de beterraba, aspics de peixe ou de carne, licores de cereja, escabeche de cogumelos etc.

Alguns membros da aristocracia sonham com reformas a favor dos servos. Serão eles os líderes da revolta de dezembro de 1825 — a dos chamados dezembristas —, que termina em sangue em decorrência do autoritarismo de Nicolau I, recém-entronado depois da renúncia de seu irmão Constantino. Eles pretendiam uma monarquia constitucional e a abolição da servidão. Embora, como acabamos de dizer, esses nobres tenham tomado consciência da sua identidade russa, não deixaram de professar ideias liberais e acreditavam que a adoção de certas reformas sociais inspiradas nas instituições europeias contribuiria para o progresso da Rússia. O príncipe Serguei Volkónski, um dos nobres dezembristas, escreveu que regressar à Rússia depois de ter estado em Londres e Paris “era como regressar a um passado pré-histórico”.⁵

Se os dezembristas reuniam ideias tanto dos ocidentaisistas quanto dos eslavófilos, algo semelhante pode ser dito sobre os populistas. Esse foi um movimento social que se desenvolveu na segunda metade do século e implicou uma “marcha para o povo”. Muitos filhos de aristocratas e estudantes universitários vão para o campo, trabalhar lado a lado

5 Figes, *op. cit.*, p. 130.

com os camponeses. Eles querem se identificar com o povo para redimi-lo de sua pobreza e ignorância. A alma russa reside nas comunidades rurais, que deveriam ser ajudadas a se libertar da superstição e da opressão política, mas respeitando seu modo de vida, que incorpora a quintessência do ser russo. As missões dos estudantes universitários que disseminam ideias socialistas e materialistas nas comunidades rurais e a rejeição dos camponeses a essas novas ideias são um processo ao mesmo tempo divertido e doloroso: a *intelligentsia* havia mitificado o mundo dos mujiques — os camponeses —, que consideravam as novidades políticas e religiosas heréticas e desleais à obediência devida ao tsar. Bazárov, o protagonista do romance *Pais e filhos*, de Turguêniev, personifica muito bem o intelectual petulante que não é compreendido pelos simples camponeses, que o consideram um palhaço. Quando Liévin, em Anna Kariênina, pergunta a um camponês o que ele acha da guerra nos Bálcãs, ele simplesmente responde: “Opinar? Isso não é da nossa conta. Nosso tsar Alexander Nikolaevich sabe melhor do que nós o que deve fazer”.

No vasto cenário cultural da Rússia, também há espaço para a reivindicação do passado tártaro e para a revalorização do espaço asiático conquistado a partir do século XVIII. Muitas das famílias mais tradicionais da Rússia tinham sobrenomes de origem mongol, tártara ou turca, pois, apesar dos contínuos confrontos militares, houve também processos de simbiose cultural, casamentos e assentamentos dos povos derrotados no que se tornou o território russo. O Cáucaso ocupou um lugar importante no imaginário dos escritores do século XIX, como uma espécie de Éden, de natureza intocada e selvagem, com tons próprios de Rousseau. Púchkin, Gógol e Tolstói oferecem

uma visão romântica dessa terra ainda envolta em uma aura de mistério para a maioria da população europeia.

Europeus ou asiáticos? Herzen dizia que Nicolau I era um “Gengis Khan com um telégrafo”. Ele não foi o único a atribuir o despotismo do regime político do tsar à influência asiática. Os europeus viam os russos como um povo selvagem, de características orientais. Dostoiévski, em um dos artigos de seu *Diário de um escritor*, escreveu:

A Rússia não está apenas na Europa, mas também na Ásia [...]. Devemos abandonar nossos temores servis de que a Europa nos chame de bárbaros e asiáticos e proclamar que somos mais asiáticos do que europeus [...]. Essa visão equivocada de nós mesmos como exclusivamente europeus e não asiáticos (embora nunca tenhamos deixado de ser asiáticos) [...] nos custou muito caro nesses últimos dois séculos e pagamos por isso com a perda de nossa independência espiritual [...]. É difícil desviar o olhar de nossa janela para a Europa, mas o que está em jogo é o nosso destino [...]. Quando nos voltamos para a Ásia e a vejamos de uma nova maneira, é provável que aconteça algo semelhante ao que aconteceu na Europa quando a América foi descoberta. Pois, na realidade, para nós, a Ásia é a mesma América que ainda não descobrimos. Com nosso impulso em direção à Ásia, nosso espírito e nossa força ressurgirão [...]. Na Europa, éramos parasitas e escravos, na Ásia seremos os senhores. Na Europa, éramos tártaros, na Ásia poderemos ser europeus. Nossa missão, nossa missão civilizatória na Ásia, encorajará nosso ânimo e nos impulsionará; só precisamos dar início a esse movimento.⁶

Foram muitos os debates sobre a alma russa e as características próprias de uma identidade nacional. Uma nação é uma realidade espiritual, muito difícil de definir. Mas é bom tentar, pelo menos, vislumbrar os elementos definidores de

6 Fiódor Dostoiévski, *Diário de um escritor*, citado por Figes, *op. cit.*, p. 501.

sua identidade, ainda que nunca se chegue a uma resposta definitiva. O debate russo do século XIX é muito atual nos dias hoje, quando o Ocidente não sabe como reagir — porque não sabe quem é, pois perdeu a memória de suas raízes⁷ — diante das ameaças de outras culturas que, sim, têm uma força identitária definida.

* * *

Tanto os ocidentalistas quanto os eslavófilos, os pan-eslavistas, os dezembristas e os populistas enfrentaram o regime tsarista, que censurava as ideias políticas ou sociais que não coincidissem com a autocracia. A literatura foi um caminho para desenvolver uma visão crítica e propor mudanças, embora sempre com a prudência exigida pelo regime político. Durante o século XIX, governaram cinco tsares: Alexandre I (1801-1825), com traços místicos; Nicolau I (1825-1855), autoritário e antiliberal; Alexandre II (1855-1881), que inaugurou uma era de reformas e foi assassinado em 1881 por um grupo de anarquistas, sucedido por Alexandre III (1881-1894), de ideias reacionárias e tendência conservadora. O último dos tsares foi Nicolau II (1894-1917), que, derrotado na guerra russo-japonesa e incapaz de lidar com a ebulição social dos primeiros anos do século XX, assistiu impotente à Revolução de Outubro. Ele foi fuzilado junto com toda a sua família em Ecaterimburgo, em 1918, pelos revolucionários. Sua morte trágica pôs fim à dinastia Romanov.⁸

7 Cf. Joseph Ratzinger; Marcello Pera, *Senza radici*, Milão, Mondadori, 2000.

8 Sobre o último dos tsares, cf. Robert K. Massie, *Nicolás y Alejandra: el amor y la muerte en la Rusia imperial*, Barcelona, Ediciones B, 2004.